

# Compreendendo as dificuldades de aprendizagem

Prof<sup>ª</sup>. Flávia Aparecida Ávila de Paula

## Resumo

O presente artigo tem como tema central as dificuldades de aprendizagem. Foi elaborado diante do enigma dos professores ao se depararem com alunos que apresentam um certo desvio em relação à aprendizagem. Assim, este trabalho objetiva contribuir para a prática do professor em relação aos alunos que apresentam esse problema. Isto é feito por meio da explanação do conceito, apresentação das causas e possíveis intervenções no processo de ensino e aprendizagem. A ação do professor diante de tais casos é fundamental para a eliminação ou acentuação de tais dificuldades. O conhecimento sobre o aluno, o seu nível de desenvolvimento, as suas capacidades e as suas especificidades devem fazer parte do planejamento diário da prática do professor. Compreender as causas do "não aprender" e descobrir as interferências corretas a fazer são atitudes que formam uma combinação perfeita para a construção da aprendizagem de uma criança.

**Palavras-chave:** Dificuldades de Aprendizagem, conhecimento, intervenções, aprendizagem.

## Abstract

The present paper has as central theme the difficulties in learning. It was composed to the point of the teachers' enigma as they found students who show some shifts in learning. So, this work aims to contribute to teachers who have this problem. This study is done by the explanation of the concept, presentation of the causes and possible interventions in the education process and its learning. The teacher action in front of these cases is very important to eliminate or to reinforce those difficulties. The knowledge about the student, his level of progress, his capacities and his specificities have to be involved in the daily teacher plan, specially in his practice. To understand the causes of "not learn" and discover the correct interferences to be done are some attitudes that combine perfectly as to realize the child learning.

**Key-words:** difficulties in learning, knowledge, intervention

*Prof<sup>a</sup>. Flávia Aparecida Ávila de Paula*

**Qualificação:**

Graduação em Normal Superior  
Centro Universitário do Planalto de Araxá - UNIARAXÁ

**Local de trabalho atual:**

Centro de Desenvolvimento Humano - CDH -CBMM

**Endereço eletrônico:** [flavia@araxa.com.br](mailto:flavia@araxa.com.br)

# Compreendendo as dificuldades de aprendizagem

Prof.<sup>a</sup> Flávia Aparecida Ávila de Paula

*Ninguém nasce feito, ninguém nasce marcado para ser isso ou aquilo. Pelo contrário, nos tornamos isso ou aquilo. Somos programados, mas, para aprender. A nossa inteligência se inventa e se promove no exercício social de nosso corpo consciente. Se constrói. Não é um dado que, em nós, seja um a priori da nossa história individual e social*  
Paulo Freire

## 1. Introdução

As dificuldades de aprendizagem não são problemas recentes enfrentados por pais e professores. No entanto, atualmente, os recursos disponíveis para orientar pais, alunos e professores em relação a esse tema tão extenso, infelizmente, não são claros. O que requer uma atenção diferenciada e uma observação mais intensa de que se todos são capazes de aprender, os que não aprendem necessitam de auxílio profissional especializado dentro e fora da sala de aula. Qual será ao certo a compreensão dos professores a respeito das Dificuldades de Aprendizagem dentro da sala de aula? Será que estão preparados para

lidar com este desafio?

Em uma sala de aula, o grande objetivo de pais, professores e alunos é o desenvolvimento pleno da aprendizagem. Para que esse objetivo seja alcançado com sucesso, por ambos os sujeitos engajados neste fim, é necessário que haja uma compreensão maior do que se passa com o aluno em relação aos problemas na aprendizagem.

De forma geral, o objetivo deste texto é esclarecer aos professores e aos leitores, o que realmente são as Dificuldades de Aprendizagem e como agir diante delas. Mais especificamente, apresentar diferentes concepções sobre a aprendizagem, expor o conceito do termo Dificuldades de Aprendizagem e analisar os resultados da pesquisa realizada com os professores do Ensino Infantil e Fundamental.

## 1.1 A aprendizagem

Para compreender as necessidades de uma criança diante das Dificuldades de Aprendizagem, antes é necessário compreender como ocorre a aprendizagem. Para tanto, é necessário fazer uma breve análise histórica sobre a aprendizagem e as suas diferentes concepções.

Desde a antiguidade, a aprendizagem vinha sendo sistematizada com a finalidade de transmitir as tradições e os costumes em duas vertentes. Uma visava à formação pessoal, denominada Pedagogia da Personalidade. A segunda, Pedagogia Humanista, visava ao desenvolvimento do homem em uma representação da realidade social através do ensino/educacional. Na Idade Média, ensino e aprendizagem seguiam na mesma direção e eram determinados pela religião. No final desta época, iniciou-se a separação das teorias de ensino e aprendizagem em relação ao clero. Entre os séculos XVII e XX, a presença religiosa perde a força e surgem estudos com objetivos de demonstrar cientificamente a influência de processos universais no regimento dos princípios da aprendizagem. Nesta fase, muitos autores acreditavam que a aprendizagem estava intimamente ligada ao condicionamento dos indivíduos. A conceituação de aprendizagem veio se modificando junto com a evolução do homem. Com esta evolução, diferentes teorias bus-

cam compreender o que vem a ser a aprendizagem e como ela ocorre no ser humano.

Dentre estas teorias, é possível analisar as concepções de autores que contribuíram significativamente para uma nova visão da aprendizagem e da evolução da criança. Entre estes autores será avaliada a visão de Jerome S. Bruner, Vygotsky, Jean Piaget e Skinner a respeito da aprendizagem.

Para Bruner (1969), a aprendizagem está diretamente ligada ao desenvolvimento, e ensinar é, em síntese, um esforço para auxiliar o educando ou para moldá-lo. O autor fala da aprendizagem como um processo movido principalmente por motivos intrínsecos. Para ele a curiosidade, o sentimento de satisfação/realização e reciprocidade e imitação contribuem significativamente para a construção da aprendizagem. Bruner não descarta a influência de aspectos externos na aprendizagem, mas acredita que

o motivo externo poderá realmente dar partida a uma atividade específica, ou mesmo levar à sua repetição, mas não parece digno de confiança para sustentar o longo caminho da aprendizagem pelo qual o homem lentamente constrói, à sua maneira, um modelo útil do que é e do que poderá vir a ser o mundo. (BRUNER, 1969, p.148)

A visão sócio-histórica da evolução do ser humano desenvolvida por Vygotsky contribuiu para a compreensão dos processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança na escola. Segundo Vygotsky (1998, p.109), “A aprendizagem da criança começa muito antes da aprendizagem escolar. A aprendizagem escolar nunca parte do zero”. Considerando que, desde que nasce, a criança está em constante contato com seus familiares e com diferentes objetos à sua volta, já muito cedo é possível se apropriar de experiências vividas na vida cotidiana, imitando-as ou transformando-as em novas situações.

Considerando os aspectos sócio-históricos, o autor acredita que a aprendizagem precede o desenvolvimento e que é através do uso da linguagem e da interação que ela se manifesta no indivíduo. Para ele

o aprendizado não é o desenvolvimento: o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim o aprendizado é um aspecto necessário e universal de desenvolvimento das funções culturalmente organizadas e especificamente humanas. (VYGOTSKY, 1989, apud CORIA SABINI e LUCENA, 2004, p. 101)

De acordo com a concepção vygotskyana, é no processo de aprendizagem que ocorre a apropriação da cultura e o conseqüente desenvolvimento do indivíduo. Na escola este processo é ainda mais intensificado e as ações do professor podem contribuir para o seu positivo avanço. Segundo Vygotsky (1998), a criança passa por etapas na sua aprendizagem, são níveis de desenvolvimento que apontam o que ela é capaz de realizar de forma independente, denominado pelo autor de Nível de Desenvolvimento Real, e o que a criança é capaz de realizar, mas necessitando de interferências, denominado de Nível de Desenvolvimento Potencial.

Em seus estudos, o autor constatou, entre os dois níveis citados acima, a presença da Zona de Desenvolvimento Proximal assim definida:

(...) a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com os companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 1989, apud CORIA SABINI e LUCENA, 2004, p. 24)

O professor mediador tem o papel de identificar o nível de desenvolvimento dos seus alunos para que possa realizar as mediações necessárias na Zona de Desenvolvimento Proximal, visando ao nível de desenvolvimento real. O ensino deve voltar-se para as funções psi-

cológicas emergentes, potenciais e pode ser facilmente estimulado pelo contato com os colegas que já aprenderam determinado conteúdo.

Jean Piaget (apud CUNHA, 2000), em sua teoria construtivista, aprofundou seus estudos a respeito do desenvolvimento das crianças. Embora muitas pessoas não façam a distinção entre desenvolvimento e aprendizagem, para ele, são dois processos distintos. O desenvolvimento é espontâneo e está relacionado ao processo global da embriogênese. Esta diz respeito ao desenvolvimento do corpo, do sistema nervoso e das funções mentais. Embora a teoria piagetiana desvincule de certa forma a aprendizagem do desenvolvimento, seus estudos trouxeram contribuições significativas para a área da pedagogia. Diante deste fato, vale analisar e relacionar os conhecimentos sobre o construtivismo voltando-os para a questão da aprendizagem.

Para compreender a relação entre o construtivismo e aprendizagem é necessário compreender basicamente os seus princípios. Piaget acredita que a criança traz dentro de si mecanismos para promover o seu desenvolvimento cognitivo. No entanto, para que isso se torne possível ela necessita de contato direto e concreto com o mundo que a cerca. O desenvolvimento (a aprendizagem) se dá através da exploração que o sujeito faz sobre o objeto. Para o autor a evolução de tal exploração acontece por meio de três processos. A *assimilação*, caracterizada pela integração de novos elementos à estrutura já existente, o contato com novos objetos e novas situações. A *acomodação*, caracterizada pelas modificações acontecidas após o processo de assimilação. E a *equilibração*, que é caracterizada pela etapa em que o sujeito possui determinado domínio pelo objeto. Estes três processos, porém, não ocorrem de forma finita, eles são sempre retomados a cada situação de desequilíbrio entre o sujeito e um novo objeto. O desequilíbrio age sobre a aprendizagem como uma motivação para que o sujeito sinta o interesse, a curiosidade em explorar algo até então desconhecido. Sem o desequilíbrio não é possível haver interesse e busca por novos conhecimentos:

Não havendo motivação o aluno não se posiciona de modo ativo diante da matéria. O mesmo acontece quando o professor

privilegia a passividade da criança e a leva a manter-se quieta, apenas ouvindo, como se o mundo pudesse escoar para dentro do seu cérebro por meio da audição. Sem vontade e sem iniciativa para desvendar e descobrir, não há conhecimento. (CUNHA, 2000, p. 75)

Piaget defende o desenvolvimento cognitivo em quatro grandes etapas: *sensório-motor*, *pré-operatório*, *operatório-concreto* e *operatório-formal*. Embora as quatro etapas sigam uma linha cronológica, é importante ressaltar que uma é o alicerce da outra e que mesmo citando idades médias para cada uma, o autor defende a idéia de que cada criança possui um tempo de desenvolvimento individual, não sendo a idade determinante de capacidade ou de limitações.

A aprendizagem nessa concepção não é algo que o educando aprenda passivamente, mas sim que lhe permita refletir e agir sobre o que é aprendido. Ela se dá em consequência do desenvolvimento de habilidades cronológicas do ser humano em contato direto com o objeto que o cerca em diferentes etapas e situações da sua realidade.

Diferente das concepções de aprendizagem até aqui analisadas, o Behaviorismo não vê o indivíduo como sujeito ativo e construtor dos processos de aprendizagem. Por volta dos anos de 1940, começou a ser divulgada a pesquisa de Burrhus F. Skinner que, em contraponto com o comportamento condicionado defendido por Watson, considerava os esquemas de estímulo/resposta, mas não negava a existência de motivos internos do indivíduo para a realização dos comportamentos observáveis. Para Skinner, (apud CUNHA, 2000), é importante oferecer à criança um estímulo do qual ela esteja privada por determinado tempo. Tanto o reforço positivo quanto o negativo interferem diretamente no comportamento (aprendizagem) e podem tornar o funcionamento de uma sala de aula ou escola mais acelerado e produtivo.

Para a aprendizagem, a contribuição skinneriana é no sentido de que todo comportamento pode ser modificado caso haja a compreensão das circunstâncias de quando o indivíduo manifesta seu interior diante das ações externas.



## 2. As dificuldades de aprendizagem: do conceito às intervenções

O termo dificuldades de aprendizagem começou a ser utilizado desde os estudos de Samuel A. Kirk, em 1963, que observou que muitas crianças que não apresentavam retardo mental ou baixa inteligência tinham problemas específicos de aprendizagem. Assim como o conceito de aprendizagem se modificou ao longo dos anos, passando a considerar o aluno como sujeito ativo da construção do conhecimento, a visão sobre o aluno com dificuldades de aprendizagem também se modificou.

Conceituar as dificuldades de aprendizagem não é algo muito simples, visto que até mesmo as bibliografias direcionadas ao estudo do tema apresentam tal visão. Esta dificuldade pode relacionar-se ao uso indevido de termos como problemas de aprendizagem, distúrbios de aprendizagem, para se referirem às dificuldades propriamente ditas. Aparentemente, esses termos podem ter o mesmo significado, mas feita uma análise mais detalhada nota-se que é necessária uma maior compreensão para que diagnósticos precipitados não venham a prejudicar os estudantes. Os distúrbios de aprendizagem estão relacionados a comprometimentos neurológicos da criança, mais propriamente à área das funções centrais do cérebro. E as dificuldades podem decorrer dos distúrbios, mas também ocorrem devido a uma infinidade de fatores internos e externos.

Para Martin e Marchesi, (apud BURUCHOVITCH, 2000, p.40): “Dificuldades de aprendizagem implicaria em qualquer dificuldade observável vivenciada pelo aluno para acompanhar o ritmo de aprendizagem de seus colegas da mesma idade, independente da defasagem”.

Smith e Strick (2001, p.14) definem as dificuldades destacando-as como “problemas neurológicos que afetam a capacidade do cérebro para entender ou comunicar as informações”.

Durante muitos anos crianças que apresentavam dificuldades na aprendizagem eram encaminhadas a consultórios médicos para que se buscasse na medicina uma solução para o problema do “não aprender”. Infelizmente, isto ainda acontece nos dias atuais. A falta de infor-

mação, os diagnósticos isolados e precipitados de pais e professores submetem crianças a tratamentos médicos sem analisar o contexto geral da “não aprendizagem”. E as submete ainda a rótulos como *preguiçosas, desatentas, inquietas ou lentas*. Os avanços das pesquisas a respeito deste tema apontam que diversos fatores podem interferir no bom rendimento escolar.

Identificadas geralmente com o início da vida escolar, as dificuldades de aprendizagem podem ser causadas por diversos fatores relacionados a aspectos neurológicos ou a outros fatores externos. Leite (1988, apud SISTO, 2001) considera estas interferências externas e as divide em dois grupos, o dos fatores intra-escolares e o dos fatores extra-escolares e define: “(...) intra-escolares como aqueles mais relacionados sobretudo à ineficácia das práticas escolares, a burocracia pedagógica e à inadequação dos cursos de professores”. Na escola, um ambiente inadequado, a relação professor/aluno e o despreparo dos professores para o trabalho com a diversidade interferem diretamente na aprendizagem do aluno. Os fatores extra-escolares seriam aqueles caracterizados pelas condições sócio-econômicas dos alunos. Os problemas familiares, os relacionados à saúde, a diferença entre idade cronológica e idade maturacional, a cobrança excessiva dos pais também levam a desvios na aprendizagem.

Diante da diversidade das causas não justifica atribuir a culpa do “não aprender” apenas ao aluno. Há um amplo contexto a ser analisado para que as devidas atitudes sejam tomadas na busca de resolver ou pelo menos amenizar essas dificuldades em sala de aula, sendo o objetivo principal ajudar a criança nas suas relações com a aprendizagem, com o professor e com a escola.

De acordo com Dockrell e Mcshane (2000), a dislexia e o TDAH (Transtorno do déficit de atenção/hiperatividade) são deficiências bem comuns, talvez as mais conhecidas, mas no entanto não são as únicas. E, em muitos casos, são diagnosticadas de forma equivocada devido à falta de informação.

As bibliografias sobre as dificuldades (distúrbios) de aprendizagem, como de Dockrell e Mcshane, (2000), García Sanchez, (2004), apontam como mais conhecidas as seguintes:

a) Dislexia: é uma específica dificuldade de aprendizado da Linguagem: em Leitura, Soletração, Escrita, em Linguagem Expressiva ou Receptiva, em Razão e Cálculo Matemáticos, como na Linguagem Corporal e Social. As crianças disléxicas não são prejudicadas intelectualmente. No entanto se não identificada, essa dificuldade pode afetar a aprendizagem levando até mesmo à desistência dos estudos (evasão escolar). A criança disléxica pode aprender, mas precisará de interferências constantes e de uma nova forma de aprender.

b) TDAH (Transtorno do déficit de atenção/hiperatividade): o transtorno do déficit de atenção está relacionado à dificuldade de concentrar e de manter a concentração. Esse transtorno pode se manifestar isoladamente ou se associar à hiperatividade que é caracterizada pela atividade psicomotora excessiva. Crianças com hiperatividade dão a falsa impressão de serem “desligadas”, mas são exatamente ao contrário, estão sempre atentas a tudo que as cerca e por isso a dificuldade de se concentrarem em apenas um determinado foco.

c) Hipoatividade: ao contrário da hiperatividade, a hipoatividade é caracterizada por um nível baixo de atividades psicomotoras. Refere-se as crianças que têm um comportamento mais lento, que vivem boa parte do tempo “no mundo da lua”. Crianças hipoativas apresentam memória e interação social pobre.

d) Discalculia: dificuldades com a Linguagem Matemática. A criança apresenta dificuldades em identificar, classificar e comparar números e conceitos matemáticos. A maioria das crianças que têm dislexia também podem apresentar a discalculia.

A identificação ou avaliação da presença de uma dificuldade de aprendizagem é algo bem complexo e prolongado. As autoras Smith e Strick (2001) apontam que, na maioria dos casos, as escolas desconfiam da presença da dificuldade, mas preferem esperar até anos para tomarem uma decisão concreta. Essa espera que objetiva amenizar, com o tempo, o problema observado afeta diretamente a capacidade dos alunos, pois durante esse período eles foram privados de estímulos apropriados para o desenvolvimento das suas habilidades.

A identificação dessas dificuldades é essencial para que o professor ou outro profissional possa interferir de maneira significativa no

processo antes que tome proporções maiores, visto que uma dificuldade específica pode contribuir para o desencadeamento de dificuldades gerais na aprendizagem. Para que essa identificação possa ser realizada de maneira consciente e real, são necessárias avaliações acerca do rendimento escolar do aluno considerando todos os aspectos que interferem na aprendizagem e, ainda, que o profissional tenha uma boa fundamentação teórica a respeito do assunto.

Para Dockrell e Mcshane (2000), a avaliação das dificuldades de aprendizagem é

(...) um processo de coleta de informações para um objetivo específico. Trata-se de um processo de direcionamento da tomada de decisões sobre uma criança, identificando o seu perfil de potencialidades e suas necessidades. A avaliação deve estar voltada para hipóteses levantadas e essas hipóteses devem ser baseadas na compreensão da criança e dos componentes cognitivos das dificuldades de aprendizagem, bem como na análise do meio onde a criança aprende naquele momento. (DOCKRELL e MCSHANE, 2000, p. 33)

Um dos testes mais conhecidos, mas não muito utilizado atualmente, para o diagnóstico de crianças com dificuldades de aprendizagem, é o teste de QI. Ele fornece dados sobre os processos e as estratégias responsáveis pela aprendizagem. É sabido que muitas crianças apresentam dificuldades em uma grande variedade de tarefas. Os testes de QI conseguem identificar se há ou não um atraso no desenvolvimento da criança, no entanto, eles não são capazes de identificar as causas deste “atraso”. Como as causas são fatores de suma importância, existem outros meios de avaliação mais eficazes e com o foco na identificação da causa e na solução do problema.

A avaliação das dificuldades não deve ser focada apenas nas dificuldades da criança, mas também na verificação das suas habilidades e no uso destas habilidades nas interferências necessárias. Toda elaboração de avaliação deve resultar em caminhos de intervenção.

Após a identificação de uma dificuldade de aprendizagem, as in-

tervenções devem acontecer imediatamente e podem ser direcionadas à criança, aos pais ou aos professores. Nem sempre a criança é a única fonte do problema e outros segmentos relacionados a ela devem fazer parte das interferências no seu processo de aprendizagem. Conforme analisado anteriormente, qualquer avaliação deve ter como objetivo um ato de intervenção.

Falar em intervenção é falar de intervenção mais ou menos especializada, mas sempre fundamentada cientificamente em modelos teóricos e que supõe, em geral, uma implementação tecnológica. Partindo de modelos teóricos mais ou menos amplos, chega-se a desenvolvimentos tecnológicos ou aplicados, de forma rigorosa e controlada. A intervenção, portanto, é de caráter *intencional e planejado*, exigindo um certo nível de *estruturação e de formalização*. (GARCIA SANCHEZ, 2004, p.18)

Ao fazer uma interferência sobre as dificuldades de aprendizagem de uma criança, o professor precisa planejá-la previamente, estabelecendo os objetivos a serem alcançados baseados em uma fundamentação teórica específica. Lidar com as dificuldades de aprendizagem requer do professor conhecimento científico sobre as mesmas, para evitar diagnósticos precipitados que, em muitos casos, submetem as crianças a tratamentos médicos desnecessários.

Sobre o professor e as suas interferências pode-se dizer que

(...) o professor não irá 'curar' os problemas dos alunos nem saberá diagnosticá-los, mas tem uma participação muito importante na criação de um ambiente de respeito, de promoção de autoconfiança, diminuindo a ansiedade e uma visão negativa que seus alunos possam estar criando. (OLIVEIRA, 2001, p. 94)

As interferências sobre as dificuldades de aprendizagem devem ser feitas em conjunto:

Compete à família promover um ambiente sadio para a criança, com regras,

limites, compreensão, confiança, principalmente, com valorização do potencial de seu filho. Compete ao professor compreender melhor o aluno mesmo que este tenha alguns comportamentos inadequados e criar estratégias para promover uma aprendizagem escolar eficiente. (OLIVEIRA, 2001, p.94)

### 3. A compreensão dos professores a respeito das dificuldades de aprendizagem

Através de uma pesquisa realizada com o auxílio de um questionário de 10 questões, voltadas para a prática escolar, foi possível fazer um levantamento sobre a compreensão das professoras do Ensino Infantil e Fundamental diante das dificuldades de aprendizagem. Diante das respostas analisadas percebe-se que há a carência de aprofundamento teórico sobre o assunto. Ao conceituar dificuldades de aprendizagem, muitas professoras confundiram-se entre conceito e causa. Entre as dificuldades mais conhecidas e identificadas na sala de aula, está o TDAH, o que vem confirmar o posicionamento de Dockrell e Mcshane (2000), quanto a ser esta a dificuldade mais identificada e, em muitos casos, de forma equivocada pelas professoras.

Em relação ao “não aprender”, as respostas das professoras apresentaram causas diversas para a “não aprendizagem” e também um desnorreamento geral em relação ao que causa as dificuldades dos alunos. Duas professoras atribuíram o atraso na aprendizagem às agressões entre os alunos pequenos (mordidas) e ao manejo de classes, ou seja, ao número de alunos “agitados” por sala. Bossa (2000) apresenta uma infinidade de fatores que podem desencadear uma dificuldade de aprendizagem, com base nos quais é possível dizer que as mordidas não são causas, mas talvez uma conseqüência, um meio para chamar a atenção para algo que não caminha corretamente. Outras duas professoras não responderam a questão. Certamente, porque desconhecem as causas das dificuldades. Em um questionário a resposta foi a seguinte: *Não sei. Porque tudo que tento exercer mediante essas dificuldades não consigo alcançar o meu objetivo.* Neste caso, a professora não é capaz de identificar a causa da dificuldade dos alunos e isso problematiza a sua ação na sala de aula. O

restante das professoras foram mais coerentes em suas respostas e atribuíram as dificuldades dos alunos a fatores como a falta de apoio familiar, a falta de estímulos motores, a falta de medicamentos e adequado tratamento especializado. Os fatores neurológicos também foram citados como causas.

Muitos outros fatores poderiam ter sido citados pelas professoras, porém aqui mais uma vez a confusão, a falta de compreensão a respeito do tema, gerou a troca das respostas. Nesta questão em que deveriam apontar as inúmeras causas das dificuldades, o que mais apresentaram foram as dificuldades em si. Muitas professoras citaram a falta de concentração, as dificuldades com a escrita e de compreensão, interpretação, leitura e resolução de problemas.

No geral, para as professoras entrevistadas, o aluno não aprende porque: não tem apoio familiar, possui fatores neurológicos que interferem na aprendizagem, é desatento, é agitado, não apresenta interesse nas aulas. Todas as respostas apresentaram apenas fatores extra-escolares como causas das dificuldades. Em nenhuma delas os fatores intra-escolares foram considerados.

Em meio às respostas de 47% das professoras, foi possível levantar uma lista de interferências realizadas na sala de aula com o objetivo de estimular o aluno à aprendizagem. Entre estas interferências estão:

- . Identificação da dificuldade
- . Valorização de outras habilidades
- . Respeito às dificuldades
- . Utilização de recursos ilustrativos variados durante as aulas;
- . Atendimento individual
- . Desenvolvimento de trabalhos em grupo para possibilitar a troca de experiências entre crianças de diferentes níveis de aprendizagem
- . Utilização de *feedback* para a busca de novos resultados
- . Utilização de material concreto
- . Aplicação de atividades extra-classe
- . Realização de cobranças de acordo com a capacidade da criança
- . Aplicação de atividades diferenciadas.

Cerca de 40% das professoras, além de utilizarem as interferências

as apresentadas na lista acima, relatam fazer um diagnóstico (como professoras) sobre as dificuldades da criança e, em seguida, encaminharem o caso para a direção, supervisão e para profissionais como fonoaudiólogos, psicólogos, entre outros. Intervenções junto à família também foram apontadas por estas professoras.

Esta questão não foi respondida por 13% das professoras. Certamente, não fazem interferências e agem de acordo com a afirmação de Smith e Strick (2001) sobre o posicionamento de algumas escolas e esperam que a criança com dificuldades aprenda com o passar do tempo.

#### 4. Considerações finais

Conclui-se o quanto é importante o conhecimento teórico, tanto em relação ao desenvolvimento e aprendizagem da criança quanto em relação às Dificuldades de Aprendizagem. Somente este conhecimento poderá levar o professor a ampliar as suas visões sobre os alunos e sobre as formas corretas de auxiliá-los na sala de aula para uma aprendizagem expressiva. As dificuldades de aprendizagem envolvem muito mais que uma simples “rotulação” da criança. Os fatores que as geram são inúmeros e nem sempre são provocados pela própria criança.

Pelo que foi pesquisado, fica claro que em muitos casos de dificuldades de aprendizagem a causa está dentro da própria escola ou sala de aula. A reflexão do professor sobre a sua prática e o conhecimento do aluno em um contexto geral são fundamentais para que interferências positivas sejam realizadas no processo de aprendizagem.

A realidade apresentada pela pesquisa mostra que os professores ainda estão um pouco distantes da compreensão real do que são e de como agir diante das dificuldades de aprendizagem. Talvez pelo motivo de boa parte da bibliografia sobre o assunto referir-se a termos mais científicos não tão voltados para o ato pedagógico.

Apenas identificar uma dificuldade não é o suficiente. É necessário o planejamento da ação pedagógica após esta identificação. É comum encontrar em escolas professores que rotulam as crianças apenas



por “acharem” que estas se desenvolvem mais lentamente. Este equívoco pode trazer conseqüências muito sérias para a criança que na maioria destes casos são tidas como distraídas, preguiçosas e bagunceiras. Somente a criança com essas dificuldades é capaz de dizer o quanto se esforça, mas este esforço nem sempre é reconhecido por seus pais e professores que descarregam sobre ela uma cobrança excessiva e injusta. Compreender o por quê do “não aprender” pode auxiliar pais e professores na condução do problema e a encarar a criança como um ser que se esforça, mas que necessita de intervenções e apoio de ambos os lados.

## Referências

---

BOCK, Ana Mercês Bahia *et al.* **Uma introdução ao estudo da psicologia**. 13 ed. São Paulo: Saraiva, 1999. 319p.

BOSSA, Nadia A. **Dificuldades de Aprendizagem: O que são? Como tratá-las?**. Porto Alegre: Artmed, 2000. 119p.

BORUCHOVITCH, Evely. Dificuldades de aprendizagem, problemas motivacionais e estratégias de aprendizagem. In: SISTO, Firmino Fernandes *et al.* **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. 240p.

BRUNER, Jerome S. **Uma nova teoria da aprendizagem**. Rio de Janeiro: Bloch Brasileira, 1969. 191p.

CORIA SABINI, Maria Aparecida; LUCENA, Regina Ferreira. **Jogos e brincadeiras na Educação Infantil**. Campinas, SP: Papyrus, 2004. 94p.

CUNHA, Marcus Vinícius da. **Psicologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. 120p.

DOCKRELL, Julie.; MCSHANE, John. **Crianças com dificuldades de aprendizagem: Uma abordagem cognitiva.** Porto Alegre: Artmed, 2000. 208p.

GARCÍA SANCHEZ, Jesús-Nicasio. **Dificuldades de aprendizagem e intervenção psicopedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2004. 296p.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Atlas, 1999. 206p.

OLIVEIRA, Gislene de Campos. Dificuldades subjacentes ao não aprender. In: SISTO, Firmino Fernandes *et al.* **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. 240p.

SISTO, Firmino Fernandes. *et al.* **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. 240p.

SMITH, Corine.; STRICK, Lisa. **Dificuldades de Aprendizagem de A a Z: Um guia completo para pais e professores.** Porto Alegre: Artimed, 2001. 332p.

VIGOTSKY, Levi S.; LURIA, Alexander R.; LEONTIEV, Aléxis N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ícone, 1998. 228p.